

Relações inter-religiosas no vale do São Francisco nos anos 50 e 60: a questão do outro.

Harley Abrantes Moreira¹

Esse texto corresponde aos primeiros resultados parciais de pesquisa iniciada em Fevereiro de 2013, a qual consiste em levantamento documental sobre as histórias das religiões nas cidades de Petrolina e Juazeiro. Interessa nessa investigação, perceber e discutir as relações entre os diferentes seguimentos religiosos, as histórias de suas convivências ou não convivências, as percepções que tinham do outro, as representações e construções das alteridades.

A relevância de discutir as alteridades do campo religioso petrolinense e juazeirense justifica-se na medida em que, ainda hoje, as relações entre pessoas de diferentes religiões tem se revelado tensa e, em determinados momentos, se apresenta na forma da violência simbólica, do conflito político ou da inferiorização discursiva. Nesse sentido, é válido destacar que, nos últimos meses de 2012, a população de Petrolina vivenciou uma polêmica envolvendo alguns evangélicos e adeptos dos cultos afrodescendentes. Tal situação consistiu na ordem de retirada de uma estátua que representa uma entidade das religiões afro-brasileiras. O imperativo para a remoção foi motivado pela ação de políticos evangélicos que ocupavam assentos na câmara de vereadores. Evidentemente, os povos de terreiro, com apoio de diversos seguimentos sociais, reagiram aos discursos e às iniciativas daqueles que, com suas ações, evidenciavam a existência do pré-conceito e da intolerância religiosa. Os temas religiosos são, portanto, de grande importância para as cidades fronteiriças em questão, relacionando-se a aspectos políticos, sociais e culturais.

Entre os objetivos da pesquisa, destaca-se o recolhimento de ampla documentação envolvendo produção oral além de diversos materiais escritos e, neste texto, pretende-se discutir algumas questões apontadas, através de um dos depoimentos

¹ Mestre em História (UFRN) e professor assistente da Universidade de Pernambuco-Campus Petrolina.

recolhidos nesta fase onde várias entrevistas com religiosos católicos, protestantes, candomblecistas, umbandistas e juremistas, vem sendo realizadas. Para realizar este trabalho com a documentação oral estamos nos apoiando na metodologia da História Oral e, nesse sentido, consideramos necessário justificar essa opção metodológica através de apontamentos de alguns manuais consultados, os quais afirmam que é comum que a escolha pela História Oral se realize em função de duas razões: A ausência de documentação escrita e a importância da contribuição de vozes alternativas aos documentos escritos (Meihy & Ribeiro, 2011; Delgado, 2006). No caso de nosso trabalho, assumimos que a documentação escrita, possivelmente, não seria suficiente para o desenvolvimento da discussão das alteridades religiosas, no entanto, não podemos afirmar que nossa escolha pela História Oral se deu apenas como uma solução para o problema da escassez de fontes. Um dos motivos fundamentais que nos levaram a essa opção foi o fato de que, através dessa metodologia, é possível explorar a riqueza e a complexidade do cruzamento de discursos. Teríamos a oportunidade de discutir os depoimentos dos adeptos de todas as religiões envolvidas, suas idiossincrasias, relações e tramas. Esse texto representa, portanto, o início desse trabalho onde discutiremos apenas um entre os depoimentos já transcritos, trata-se do testemunho cedido por Odália Dias Ferreira, católica nascida no município de Casa Nova-BA e que, aos cinco anos de idade, muda-se com a família para Petrolina onde estuda em colégio católico e, aos quinze anos, decide ser freira. Em seu depoimento, irmã Odália revelou-construiu memórias sobre as religiões em Petrolina durante os anos 50 e 60.

O roteiro de entrevistas apresentava perguntas como: Desde quando você mora em Petrolina? Existiam outras religiões na época? Quais? Você conhecia algum frequentador de terreiro na época? Lembra como ele era? E de como era a sua relação com ele? Você conhecia algum evangélico na época? Lembra como ele era? E de como era a sua relação com ele? Você lembra de algum episódio envolvendo a igreja católica (ou pessoas da igreja) e adeptos de outras religiões? Pode narrar o fato? Você lembra de algum episódio de cooperação entre as diferentes religiões? O que os católicos da cidade pensavam sobre os frequentadores de terreiro e os evangélicos naquela época? Havia conflitos ou estranhamentos naquela época? Você conhece algum/a católico/a

que, naquela época, tenha casado ou namorado alguém de outra religião? Era natural ou problemático esse tipo de coisa? Quem eram os seus amigos? Qual a religião deles? Quem eram os “Outros”? O que você achava deles? Por quê? Como você acha que os evangélicos e os frequentadores de terreiros viam você e sua religião? Entre aquela época e a atual mudou alguma coisa nesse sentido?

A partir desse roteiro de entrevista é que pretende-se discutir o problema das alteridades ou de como se comportar em relação a outrem (TODOROV, 1996). A isso, relaciona-se a questão da construção histórica e discursiva do outro e de sua diferença. No depoimento da irmã Odália, percebemos que, na época pesquisada, o comportamento das famílias católicas era, possivelmente, semelhante ao da mãe da entrevistada que evitava que seus filhos convivessem com protestantes:

Muita gente que era católica naquela época não aceitava conviver com protestante nem pra conversar. Eles sentiam que não eram acolhidos, a gente não ia na casa deles, não conversava, mantinha uma certa distância. Existia preconceitos, eu acho.

Já vi muitas famílias que agiam com repúdio impedindo um namoro de seus filhos com uma moça ou um rapaz protestante. Era uma coisa muito assim, muito rejeitada, sabe?²

Durante toda a entrevista de Odália, é notória a preocupação em demonstrar que existia respeito por parte dos católicos em geral e de seus familiares em particular, em relação às pessoas de outras religiões. Em trechos como este, porém, fica evidente que a postura do cristão católico diante de outros cristãos, protestantes, era discriminatória. A compreensão do depoimento da freira petrolinense passa pelo entendimento da importância da religião católica na história da cidade. Segundo Maria Creusa de Sá y Brito, autora de um dos poucos livros sobre história do município o desenvolvimento da cidade deve ser pensado em função dos bispos que por lá passaram realizando diversas

² Entrevista cedida à Ângela Patrícia Alves de Oliveira em Petrolina-PE, 19/03/2013.

obras (BRITTO, 1995,p.47), entre estes, o grande destaque cabe a D. Malan, verdadeiramente um mito construído e renovado na memória da cidade através de datas do calendário religioso local, além de diversas instituições e prédios que levam seu nome.

A presença da religião católica na vida da cidade pode ser medida através da enumeração das instituições fundadas por bispos como D. Malan, D. Avelar e D. Capelo no século XX. São exemplos desta presença os colégios Dom Bosco e Maria Auxiliadora, a catedral da cidade, o hospital D. Malan, a emissora rural e tantas outras realizações que compõem uma narrativa sobre a história oficial da cidade, muitas vezes confundida com a própria história do catolicismo local. Mesmo a autora supracitada, a qual escreve uma obra muito carente de fundamentações teóricas, mas que não pode ser ignorada em razão dos importantes registros sobre diversos aspectos da história do município, chega a escrever que “Sob a orientação de D. Avelar, Petrolina apresenta ao mundo católico, ao mundo civilizado, na década de 40, uma cidade de povo bom, ordeiro, trabalhador e honesto” (*ibidem, ibdi*, p.137).

É, portanto, dentro da perspectiva de uma cidade católica que o depoimento de Odália sobre a relação entre católicos e adeptos de outras religiões deve ser compreendido. Em outra passagem de sua entrevista fica evidente que, apesar da grande predominância do catolicismo na cidade, era grande o fluxo de relações inter-religiosas e de propostas proselitistas que circulavam entre diferentes seguimentos religiosos. Quando interrogada sobre seu conhecimento de alguma pessoa que frequentava terreiro na época, nossa colaboradora declara:

Sim, tinha até um grupo que passava nas casas convidando pra fazer parte do terreiro e minha mãe não queria[...] Assim como tinha os evangélicos, tinha também esse grupo de terreiro, eles passavam de casa em casa, em ruas, divulgando e chamando como fazem os católicos carismáticos hoje, era a mesma coisa só que minha mãe ia logo direto dizendo “olha, eu sou católica, vocês podem viver a vida de vocês mas eu não vou trocar de vida, eu sou católica”. A gente ia sempre pra igreja católica e minha mãe dizia: “não vou pra igreja protestante não porque nós fomos criadas no catolicismo”. Ela não

obrigava mas a gente foi entendendo que deveria seguir a religião de nossos pais.³

Na pesquisa mais ampla que estamos desenvolvendo, existe o interesse de relacionar esse comportamento proselitista peculiar ao universo de determinadas crenças religiosas com as discussões sobre imperialismo cultural e colonialismo. Supomos que nas relações históricas entre católicos, protestantes e praticantes da umbanda, jurema e candomblé a construção de identidades se deu a partir das ações de alteridade marcadas pela presença de “um conjunto de estrutura de atitudes e referências” imperial e das reações a ele no processo de descolonização (SAID, 2011), ou seja, suspeitamos que o tipo de convivência entre esses diferentes grupos religiosos se deu em função de práticas culturais que recolocavam a hierarquia colonizador-colonizado onde, por um lado, a maioria católica somada às igrejas protestantes, abarcava um discurso que as caracterizava como religião do poder, da verdade e da civilização com a missão de converter as práticas religiosas da barbárie e de minorias sociais identificadas com o atraso da magia e do misticismo.

Nesse sentido, queremos pensar a expansão cristã no recorte espacial a ser pesquisado como análoga a um tipo de Universalismo europeu que disseminou a civilização, o crescimento e o desenvolvimento econômico como valores universais (Wallerstein, 2007.), ou seja, semelhante à justificativa de que o bem da humanidade só seria alcançado com a propagação desses valores universais, o desenvolvimento do cristianismo nas cidades de Petrolina e Juazeiro durante o século XX, teria se dado em razão das práticas e dos discursos de inferiorização das religiões tradicionais em nome de uma razão universal que seria a ideia cristã de salvação, acompanhada pelos ideais de progresso e civilização, fundamentados na ideia de verdade.

Desse modo, a grande surpresa trazida pelo depoimento de irmã Odália diz respeito a existência de um grupo religioso de matriz africana que, semelhantemente a católicos, e especialmente aos protestantes da região, teriam adotado estratégias de crescimento baseadas nessa mesma postura proselitista que, segundo nossa hipótese inicial, seria peculiar ao protestantismo e ao catolicismo que teriam expressado um

³ Ibidem, lbd.

comportamento “expansionista-universalizante”, em muitos pontos comparável ao universalismo colonialista, que se expressou mais conhecidamente nos campos político, econômico e também cultural, marcando as relações entre ocidente e oriente ou Metrôpoles e colônias.

Evidentemente, a informação de nossa entrevistada afirmando que os povos de terreiro também visitavam as residências para divulgação de sua religião e convite à participação em suas reuniões, precisa ser analisada, também, em função de seu lugar de fala, afinal, trata-se de uma freira católica que, possivelmente, se sentiria mais a vontade constatando que essa cooptação religiosa, marcadamente católica-protestante, também era adotada por grupos minoritários de matriz africana, em torno dos quais uma articulação social e intelectual vêm se consolidando no sentido de afirmar a perseguição e a discriminação que historicamente têm sido aplicadas por católicos e protestantes sob estes seguimentos religiosos.⁴ Faz parte, portanto, dos desdobramentos dessa pesquisa, cruzar as informações de irmã Odália com as fontes escritas e com outras entrevistas cedidas, inclusive, pelos pais de santo da região.

Em nossa problematização, interessa pensar essas religiões em seu interior: O que se passava entre os cristãos ao formularem tais posturas? Altruísmo salvacionista? Estratégias de poder? Lealdade ao seu sagrado universo de crenças? E ainda: Como reagiram os umbandistas, candomblecistas e juremistas da região a ser pesquisada? De que modo articulavam suas estratégias de resistência cotidianas? Como construía suas identidades a partir da repressão social e da rejeição da maioria cristã? Como essas fragmentações identitárias se articulavam com uma cultura local marcadamente católica, com a qual os próprios adeptos dos cultos de matriz africana se identificavam?

Desse modo, o estudo situa-se dentro do que entenderíamos por História das Religiões quando propõe a identificação de um conjunto de ideias, crenças e comportamentos religiosos dentro de um determinado período histórico (SILVA, 2009,

⁴ Sobre isso, ver SÁ JUNIOR, Mário Teixeira de. **Os discursos de controle sobre as práticas religiosas afro- brasileiras na república (1889/1950)**. Revista brasileira de história das religiões. Anpuh, ano III, n. 9, 2011. p. 41-74.

P.208) almejando, todavia, ultrapassar essa delimitação quando discute o contato dos diferentes comportamentos religiosos segundo os seguimentos em questão, os conflitos e as negociações nos processos identitários que lhes caracterizavam.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo**. Companhia de Bolso, São Paulo, 2009.

BRITTO, Maria Creusa de Sá y. **Petrolina: Origem, fatos, vida, uma história** (do desbravamento do município a 1992). Tribuna do Sertão Jornal e Gráfica, Petrolina-PE, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado, Ed.3, Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Ed. Loyola. São Paulo, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe & RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História Oral**. São Paulo, contexto, 2011.

SÁ JUNIOR, Mário Teixeira de. Os discursos de controle sobre as práticas religiosas afro- brasileiras na república (1889/1950). Revista brasileira de história das religiões. Anpuh, ano III, n. 9, 2011. p. 41-74.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Eliane Moura. **Religião, diversidade e valores culturais: Conceitos teóricos e a educação para a cidadania**. Revista de estudo da religião, nº2, 2004, p. 1-14.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

_____. **História das Religiões: algumas questões teóricas e metodológicas.** In: Religião, Cultura e Política no Brasil. Campinas, UNICAMP, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo : s/ed. 1996.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: a retórica do poder.** São Paulo, Boitempo editorial, 2007.